



Numero 1

60/1-1
72

Alma

Ano primeiro
Abril 1917

1 0123456



original on A

1911 Lind A

ALBA

Revista de Novos, mensal, Literária e Artística

Director Literário — VASCO CAMÉLIER

Director Artístico — FRANCISCO CALADO

Redactor — MÁRIO ALVES PEREIRA

Administrador — RUI RIBEIRO

Editor — ANTONIO PINTO DE CAMPOS

FUNDADORES — Francisco Calado, Mário Alves Pereira, Queiroga Santos, Rui Ribeiro, Vasco Camélier

SUMÁRIO

Alba — Apresentação pelo	SR. DR. JÚLIO DANTAS
Artelóquio	<i>Vasco Camélier</i>
Saomé	" "
O Galeão da Saudade	" "
Cartas a Miss Mary	<i>Mário Alves Pereira</i>
Psalmo de Louvor	" "
Manhãs de Outono	<i>Francisco Calado</i>
Moinhos abandonados, croquis de	<i>Rui Ribeiro</i>
Fantasia	" "
O que eu disse a Luíza	<i>Francisco Carmona</i>
Soneto	
CRÓNICA:	
Belêzas Convencionais	<i>Reinaldo Ferreira</i>
Saudades	<i>R. R.</i>
Falando Sério	<i>Mário Domingues</i>
Bibliografia	

NOTA — Aceita-se e solicita-se a colaboração de todos os Novos, ficando esta submetida á censura da Redacção.

REDACÇÃO — R. Vitorino Damásio, 26, 3.º

ADMINISTRAÇÃO — R. dos Castelinhos, 1, r/c.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ÁFRICA	
1º ano.....	1\$20
6 meses.....	\$60
BRAZIL	
1º ano.....	5\$00

assinaturas são pagas adeantadamente

"Ao propósito firme segue o efeito."

Camões.

ALBA

Alguns alunos da Faculdade de Direito, que vão publicar uma revista
séria, ALBA, tiveram a amabilidade de me pedir duas palavras de apre-
ciação. Em geral, as publicações desta natureza apresentam-se por si
sérias. Têm todas as audácias, toda a fé, todo o esplendor dos vinte
anos. Irradiam simpatia. Respiram mocidade. Tudo o que ha a dizer destas
revistas, tão úteis sempre e ás vezes tão brilhantes, está dito. A ALBA
tem um só programa: a beleza. A ALBA aparece quando deve aparecer: na
hora verdadeira. Saúdo-a com a viva esperança com que nós todos, homens de
boa idade, quando começam a apontar os primeiros cabelos brancos, saudamos
a juventude que chega.

Júlio Dantas.

artes, ás

na e que
a casta

de alto a
terra aos

de espi-
s tradu-

terem —

ntamos;

Tudo!

da lide,

a, como

porque

mesmo

n, esses

ALBA

ANTELÓQUIO

SALOME

Intempestivo — direis vós — o aparecimento duma nova revista!

Não corre, com efeito, o tempo de feição ao cultivo das letras e das artes, á grandes divagações do espirito pelo mar azul da fantasia; não corre,

Não acharemos, em torno de nós, o entusiasmo que nos enche e anima e que nos faz romper, com a esperança no olhar e a fé nos corações, contra toda a castidade abrolhos que nos impede de andar e que nos tolhe os passos.

Rir-se-ão de nós os mil que, positivos e práticos, quotidianamente leem, de alto e de lés a lés, as enevoadas colunas dos jornais, desde os horrores da guerra até crimes de burla, passando deliciosamente pelos ecos da Política.

Não nos conhecerão aqueles que — e agora refiro-me aos dois sexos — de espirito requintado e de alma superior, adoram regaladamente a digestão fatal das tradições horríveis de X. Montèpin, de Carrillo e de Escrich.

Emfim, não existiremos para aqueles que não leem, uns porque não querem — não tem tempo — outros porque, desgraçadamente, não sabem.

Nada disto ignoramos:

Desde a hora atual que se atravessa, ao entusiasmo com que não contamos os sorrisos mal dissimulados, á consciencia dos muitos que não leem... Tud

E, porque o sabemos sem nunca recuarmos e porque vimos ao campo da lida entre o ruído das vozes políticas e entre o fragôr da guerra, vestidos de alva, com Lohengrin, na alvura das convicções ideais, pioneiros do Amor e do Bem-estar; porquê levamos um pouco o *sursum corda* aos Raros que nos sentem, abrindo ao mesmo tempo, assim, á nossa idade um novo e amplo mundo para vivermos, que digam, esse que nos leem, se nós, os Novos, não temos o direito de vivêr!

Março, 1917

SALOMÉ

Sobre um coxim de seda e pérolas de Ophir
Salomé, a princesa alva como o luar,
Alonga pelo espaço o entristecido olhar...
Desfolha a rósea boca em um estranho sorrir.

Dorme-lhe aos pés de neve um leão familiar,
Perfumam-lhe o cabelo as rosas a cair...
E a princesa, sorrindo um trágico sorrir,
Vê ao longe num bosque o sol agonisar.

Nasce a primeira estrela, incerta... sonolenta!...
Surge uma sombra informe... agita-se sangrenta
Como um cipreste rubro ao fogo da manhã...

E ao vê-la, Salomé murmura como louca:
— «Tinha o sabôr do sangue a tua linda boca!...
Quero beijá-la mais... mordê-la... !okanaan!...»

Fevereiro, 1917.

O Galeão da Saudade

Num galeão de luar pelo mar fóra,
Ao brando balouçar da maré cheia,
As minhas ilusões foram-se embora
Embaladas num canto de sereia!

Nascem ao longe trémulas estrélas
E elas lá vão perdidas no além...
Cheia de dôr minha alma chora ao vê-las,
De a vêr chorar o mar chora também!...

A terra adormeceu; a onda leve
Desfaz-se toda em espuma côr de neve
Num lento murmurar de pinheirais...

E ao romper das primeiras claridades
Deitou-me aos pés um ramo de saudades...
E o galeão de luar não voltou mais!...

Fevereiro de 1917.

VASCO CAMÉLIER.

seus dezoito anos. Inao e do amor de agora que me quero iaia; e das cinzas do passado, das ruínas de paixões que o correr dos tempos apagou.

Dê-me a sua mãozinha branca, permita-me que lha beije e deixe-me depois vá-la pelo passado fóra a recordar a época de galanteria, de aventura e de amor que o século XVII.

Que diferença enorme do que nós somos hoje!...

Cerre um pouco os seus lindos olhos.—Não vê ali, ao centro dum salão perado, doirado e branco como uma réstea de sol a espraia-se no véo duma noiva, nele par tão galante a requebrar-se nos meneios duma pavana?... Parece um flóco de areia a estremecêr no seio duma mulher!...

Desvie um pouco o olhar... devagarinho... cuidado não os interrompa!...

Espreite pela fenda daquele biombo de seda azul pálido. Schiu... —é a condessa X... que dá ao noivo o seu primeiro beijo. Ocultaram-lhe o trinar os acordes do cravo; caíu desfolhada a rosa branca que a condessinha trazia no decote.

Não desperte, Mary, vá sonhando, comigo.

Caíu ha muito a noite; alongou-se pelas turtuosas, murmurando amor, e ameaças. Ouviu-se agora um tilintar de esporas no lagêdo e um vulto passou pelo embuçado no manteo de veludo, a pluma do feltro a brincar donairoza, a com a rapière de Toledo pendendo-lhe do talabarte, cavalheiresca e nobre. Parou o puçado; ciciou o murmúrio dum nome, rangeram os gonzos duma gelosía. Não viu um lenço?... Schiu!...

É uma das mais lindas preciosas da côrte do senhôr D. João IV. que vem escudando lábios do enamorado galã o suprêmo encantamento do amor, que a bôca repêta do marido não pôde cantar-lhe.

Que vôzinha tão fresca que ela tem!... Repare agora, á luz baça e sangrenta que elle lampeão.—Tem os cabelos côr de oiro e um sorriso tão ingénuo! Que bem lhe vai á brancura tépida do seio o vermelho do estido!...

O amor de capa e espada!... Como devia ser o amor assim, entre o palpar na aventura e uma lágrima de saudade!...

Que é isto?!... Luzes no pateo, vozes abafadas, fechou-se a gelosía com um grito! Fuja, minha querida Mary! Não ouve o tinir das espadas?—E' o marido ultrajado manda o seu mordomo a desafrontá-lo.

Com que violencia batem os ferros! Não ouviu um grito? Baqueou um corpo chão; afastaram-se os passos; voltou o silencio.

Vem agora a nascer o luar por detraz dos telhados. A luz é ainda fraca mas já vê um vulto estendido por baixo da gelosía. Cobre-o uma capa de veludo negro, o galhardo repousa ao lado, a mão nervosa aberta ainda o punho da rapière.

E enquanto os olhos embaciados fitam na gelosía um último olhar de amor, a réstea de luar imprime-lhe na fronte o lêma de Scaramuccia:

Foi grande porque nunca fez chorar uma mulher.

Setembro de 1916.

VASCO CAMÉLIER

A. Gil.

*Celebrai-a com júbilos de amor,
Povos de todo o mundo!
Ajoelhai, ó gentes do Senhôr,
Que o seu olhar profundo,
Que o seu olhar gentil,
Tão doce como o próprio olhar de Deus
E aquele porte eleito e senhoril,
São feitos de luar que vem dos Ceus...*

*Sabei vós todos que foi Deus que a fez
E que nos fez a nós
E que nos poz o coração no peito
E que nos deu a voz,
Para que a amássemos todos com respeito!*

*Entrai as portas dela com louvores,
Com mimos e mercês de toda a espécie...
Quando ao passar... juncai-lhe o chão de flôres
Entre sorrisos e murmores de prece...*

*Povos de Deus e ovelhas do seu pasto,
Vinde adorar-lhe a doce formosura!
Louvai-lhe o nome imaculado e casto
Que ela é suave, imaculada e pura!*

*Ajoelhai, ó gentes do Senhôr,
Rendidos e curvados...
Que a vossa fé se junte ao meu amor,
Que juntos e ligados,*

*Hão-de elevá-la, erguê-la a altura tanta,
Com tanta devoção...
Que ela se torne milagrosa e santa
De geração para outra geração!*

Bíblia Ps. XCIX.

Julho, 1916

Cartas a Miss Mary

Minha querida amiga — Venho hoje falar-lhe de amôr. Não se assuste v. ante a activa duma declaração apaixonada e romantica, com que eu vá perturbar a paz dos seus dezoito anos. Não é do amôr de agora que lhe quero falar; é das cinzas do passado, das ruínas de paixões que o correr dos tempos apagou.

Dê-me a sua mãozinha branca, permita-me que lha beije e deixe-me depois pelo passado fóra a recordar a época de galanteria, de aventura e de amôr que se passou no século XVII.

Que diferença enorme do que nós somos hoje!...
Cerre um pouco os seus lindos olhos. — Não vê ali, ao centro dum salão perolado, doirado e branco como uma réstea de sol a espriar-se no véo duma noiva, par tão galante a requebrar-se nos meneios duma pavana?... Parece um flôco de algodão a estremecêr no seio duma mulher!...

Desvie um pouco o olhar... devagarinho... cuidado não os interrompa!...
Espreite pela fenda daquele biombo de seda azul pálido. Schiu... — é a condessa X... que dá ao noivo o seu primeiro beijo. Ocultaram-lhe o trinar os acordes do piano; caiu desfolhada a rosa branca que a condessinha trazia no decote.

Não desperte, Mary, vá sonhando, comigo.
Cafu ha muito a noite; alongou-se pelas vielas turtuosas, murmurando amôr, e ameaças. Ouvia-se agora um tilintar de esporas no lagêdo e um vulto passou embuçado no mantêo de veludo, a pluma do feltro a brincar donairoso, a comrapiêre de Toledo pendendo-lhe do talabarte, cavalheiresca e nobre. Parou o cavaleiro; ciciou o murmúrio dum nome, rangeram os gonzos duma gelosia. Não viu o cavaleiro um lenço?... Schiu!...

É uma das mais lindas preciosas da côrte do senhôr D. João IV. que vem escuro os lábios do enamorado galã o suprêmo encantamento do amôr, que a boca aberta do marido não pôde cantar-lhe.

Que vizinha tão fresca que ela tem!... Repare agora, á luz baça e sangrenta do lampião. — Tem os cabelos côr de ouro e um sorriso tão ingénuo! Que bem se vai á brancura tépida do seio o vermelho do estido!...

O amôr de capa e espada!... Como devia ser o amor assim, entre o palpar a aventura e uma lágrima de saudade!...

Que é isto?!... Luzes no pateo, vozes abafadas, fechou-se a gelosia com um grito!
Fuja, minha querida Mary! Não ouve o tinir das espadas? — E' o marido ultrajado a manda o seu mordomo a desafrontá-lo.

Com que violencia batem os ferros! Não ouviu um grito? Baqueou um corpo ao chão; afastaram-se os passos; voltou o silencio.

Vem agora a nascer o luar por detraz dos telhados. A luz é ainda fraca mas já se vê um vulto estendido por baixo da gelosia. Cobre-o uma capa de veludo negro, o galhardo repousa ao lado, a mão nervosa aperta ainda o punho da rapiêre.

E enquanto os olhos embaciados fitam na gelosia um ultimo olhar de amôr, a réstea de luar imprime-lhe na fronte o lêma de Scaramuccia:

Foi grande porque nunca fez chorar uma mulher.

Setembro de 1916.

VASCO CAMÉLIER

Psalmo de louvôr

*Á - que hei-de achar na vida não sei quando,
Na vida, não sei quando, nem sei onde...*

A. Gil.

*Celebrai-a com júbilos de amôr,
Povos de todo o mundo!
Ajoelhai, ó gentes do Senhôr,
Que o seu olhar profundo,
Que o seu olhar gentil,
Tão doce como o próprio olhar de Deus
E aquele porte eleito e senhoril,
São feitos de luar que vem dos Ceus...*

*Sabei vós todos que foi Deus que a fez
E que nos fez a nós
E que nos poz o coração no peito
E que nos deu a voz,
Para que a amássemos todos com respeito!*

*Entraí as portas dela com louvores,
Com mimos e mercês de toda a espécie...
Quando ao passar... juncai-lhe o chão de flôres
Entre sorrisos e murmores de prece...*

*Povos de Deus e ovelhas do seu pasto,
Vinde adorar-lhe a doce formosura!
Louvai-lhe o nome immaculado e casto
Que ela é suave, immaculada e pura!*

*Ajoelhai, ó gentes do Senhôr,
Rendidos e curvados...
Que a vossa fé se junte ao meu amôr,
Que juntos e ligados,*

*Hão-de elevá-la, erguê-la a altura tanta,
Com tanta devoção...
Que ela se torne milagrosa e santa
De geração para outra geração!*

Bíblia Ps. XCIX.

Julho, 1916

Manhãs de Outono

*Manhãs de Outono, fria cerração,
Ó manhãsinhas em que o sol não luz!
Quando amanhece, a névoa anda no chão
E a névoa assim é que é a própria luz...*

*Luz que alumia quasi extinta e morta,
Que mal aquece, desmaiadamente...
Passam pobres, pedindo, á minha porta,
Presentindo o Inverno tristemente.*

*Cantam galos e canta a cotovia
Como se agora fosse a alvorada...
— Põesinhos... — olhai que já é dia,
Olhai que já se foi a madrugada!*

*O povoado, além, no meio do vale,
Parece neve que caiu na terra,
Porque, na sua côr, é quasi igual
Áquela que ontem já tombou na serra.*

*Manhãs de Outono, como vos adoro,
Ó manhãsinhas em que o sol não luz!
Não tem o ceu a côr viva do ouro,
Não tem a terra inundações de luz,*

*Mas tem o pasmo imensamente doce
Do que é divino e do que está nublado,
Como se o próprio Sol, escondido, fosse
A imagem viva do nosso Desejado...*

*Manhãs de Outono, calmas... eu descrevo-as
Tão vágamente e tão confusamente,
Que os versos meus são como as tristes névoas
Do meu sentir e da minha alma ardente.*

*E vai-se a pouco e pouco diluindo
A névoa pelos longes da paisagem...
O rio surge e passa reflectindo
As árvores que lhe ornam a passagem!*

*E a terra em bruma, além nos horizontes,
Lá onde o sol ainda não rompeu
Dando luz, dando vida aos próprios montes...
Já não é terra, olhai...*

— E' Ceu!

Outubro, 1916.

MÁRIO ALVES PEREIRA.

Manhãs de Outono

*Manhãs de Outono, fria cerração,
Ó manhãsinhas em que o sol não luz!
Quando amanhece, a névoa anda no chão
E a névoa assim é que é a própria luz...*

*Luz que alumia quasi extinta e morta,
Que mal aquece, desmaiadamente...
Passam pobres, pedindo, á minha porta,
Presentindo o Inverno tristemente.*

*Cantam galos e canta a cotovia
Como se agora fosse a alvorada...
— Pôresinhos... — olhai que já é dia,
Olhai que já se foi a madrugada!*

*O povoado, além, no meio do vale,
Parece neve que caiu na terra,
Porque, na sua côr, é quasi igual
Áquela que ontem já tombou na serra.*

*Manhãs de Outono, como vos adoro,
Ó manhãsinhas em que o sol não luz!
Não tem o ceu a côr viva do ouro,
Não tem a terra inundações de luz,*

*Mas tem o pasmo imensamente doce
Do que é divino e do que está nublado,
Como se o próprio Sol, escondido, fosse
A imagem viva do nosso Desejado...*

*Manhãs de Outono, calmas... eu descrevo-as
Tão vagamente e tão confusamente,
Que os versos meus são como as tristes névoas
Do meu sentir e da minha alma ardente.*

*E vai-se a pouco e pouco diluindo
A névoa pelos longes da paisagem...
O rio surge e passa reflectindo
As árvores que lhe ornam a passagem!*

*E a terra em bruma, além nos horizontes,
Lá onde o sol ainda não rompeu
Dando luz, dando vida aos próprios montes...
Já não é terra, olhai... — E' Ceu!*

Outubro, 1916.

MÁRIO ALVES PEREIRA.

FANTASIA

Estou naquelas horas de negro sofrer em que tudo me parece frio e indiferente e nada tem esse aspecto garrido e agradável de maio florido.

Vivo aqueles momentos de interminável sofrimento que nos arrancam gritos doridos e nos envolvem em desgraçados pensamentos.

Sinto em mim uma conhecida desilusão que ora se esvai, ora volta, cada mais amarga, mais pungente.

.....
É doce alimentar uma ilusão, é amargo viver desiludido.

Vôa a ilusão acarinhada para não mais voltar e deixa uma queimadura que ore magôa.

Sentir a cada ilusão cavar-se mais o vácuo á nossa volta feito, enchendo-nos de e horrôr por esta vida sempre dolorosa que nos não deu um pouco de amôr, legria partilhada por outrem, é morrer.

.....
Morre a alma envolta em ramos de saudades, de meigas violetas, roxas como o írio, que espalham no ambiente o perfume macerado dos desgostos.

Morre a esperança nas dobras flutuantes dum olhar de mulher, acompanhada sorriso de dô e compaixão que envenena o azul purissimo do ceu do amôr.

Morre a ventura voando ligeira para o Além como o fumo no Infinito se esvai, nido um rasto de mirtos e rosas, um perfume de amôr que em nós se infiltra, acre o néctar da torturá.

.....
Em os ares bandos de níveas pombas e cada uma delas é uma ilusão que vôa o Desconhecido.

.....
E' noite. Um mocho no humilde campanário, lugubrememente pia. E' a desilusão floridamente nos agarra e faz chorar.

.....
Amanhece. Grupos de ceifeiras cantam alegres. É a ventura que'passa indife-á nossa dor.

.....
Meio dia. O sol está no alto. E' o teu amôr, mulher, que eu não alcançarei.

.....
Junho de 1916.

Do livro em preparação *Clarões do Ocaso*

O QUE EU DISSE A LUÍSA

Minha boa amiga

Acabei de ler a sua carta e vou fazer o que me pediu ao deixá-la nessa pequena aldeia.

Talvez que a magôe a minha frase, brutal por vezes, mas que tem a guiá-la um desejo sincero de a vêr mulher *comme il faut*.

A sua alma cheia de um amontoado de galantes frivolidades, precisa sentir as fibras sensíveis que o seu côquetismo se empenha em esconder porque o mundo lho não permite.

Deixe o mundo; góze-o como os seus olhos de pervinca o sonham, banhado pela luz de ouro do seu cabelo, suavemente embalado pelo trilo melancólico daquele rouxinol que nos acompanhava, em noites de luar, nos nossos tardios passeios.

Eu sei que esta minha carta vai talvez surpreendê-la no seu pequeno *boudoir*, junto daquela mezita onde um dia a encontrei a pensar porque seria que a ultima *toilette*, um mimo de folhos e rendas, não lhe ficaria tão bem como aquele simples vestido de musselina que tantas vezes gabara.

Pois bem. Leia a carta que lhe envia o amigo distante e se ainda tem aquele bom gosto de que tanto ria, não faça mais complicados vestidos, procure na Natureza o modelo e ela, que é a Mãe comum, indicar-lhe-á o que a tornaria um simples encanto.

Um encanto risonho como a sua alminha perdida entre um modelo da *Pilar* e um *five-o'clock tea*, que desperdiça entre um gole de chá e uma dentada, tesouros de graça, que lhe dão as suas ridentes primaveras e mal sabe adivinhar uma dôr que se afasta, nuda na sua nudez, sombria na sua desgraça.

Deixe o Marques e á tardinha, á hora do pecado, vá pelos campos colher nas oninas e malmequeres, o socêgo que lhe dará o fim desses dias campesinos envoltos os dolentes cantares das moças.

Deixe a *Pilar* e de manhãzinha, quando o sol vem dar um reflexo de ouro no seu cabelo, vá vêr como se engalanam os campos, como com rosas e lírios se vestem os montes.

E depois, ouça as lendas ingénuas de fadas e lobisomens, que essa bôa gente os contava, e verá como, pouco a pouco, numa suave lentidão, a sua alma se forma, cheia dum desejo puro de encontrar uma outra que a compreenda na visão celestial dumacasinha a alvejar por entre trepadeiras e onde nos risos dum louro querubim esabroxe a flôr rosada da felicidade.

Medite e concordará que ela está cheia de galantes frivolidades como pretende seu dedicado

Lisbôa, Janeiro 1917

RUI RIBEIRO

Soneto

É sempre assim: ingrata, desdenhosa,
Ris-te se acaso me ouves soluçar
Por ti que me fizeste alvoroçar
Esta minha alma, triste e dolorosa!

Bem sei que tu és linda e que és formosa,
Que não valho o favôr do teu olhar...
— Nem olha para um vassalo a suplicar
Raíinha tão soberba e orgulhosa! —

Eu conheço que és nova e tens talento,
Que não andas perdida como o vento,
Que teus olhos são estrelas que não correm

No teu rosto brilhando caprichosas!...
Mas ouve-me, Mulher: Olha que as rosas,
São lindas como tu... mas também morrem!

FRANCISCO CARMONA.

Crónica

OLHO DE ALMEIDA

Era uma das maiores almas de artista da nossa raça um grande pessimista e um bom. Cinzelador de forma e ourives da palavra, ele punha também nos seus contos a energia incisiva, da frase estigmatizante e fatal.

Requinte de sensibilidade espiritual, ansioso da perfeição suprema, imensamente vibrátil e superior ao poeta no sentir, ele era a condensação da Natureza em todas as suas manifestações, desde a espiçadade subtil duma manhã de verão a palpar de luz, até ao estremecer e ao resoar e ao zumir da tempestade e a vertiginosa e doída.

Ele era assim! Uma alma de condôr que se abrigava na corola duma rosa, para com esse aroma de vida e de espírito numa Aleluia de vida e sonho!... E depois, quando aspirada aquela essencia toda, a bater as azas enormes e a medir o ceu com a sua envergadura, até se ir acolher entre as folhas esduma sensitiva, imaterial e casta!

Porque nele a Arte era tudo, eis porquê era pessimista e misantropo; e porque era vibrátil, sensível, porque era um bom para os poucos que o sabiam ouvir!

Sonhara uma outra vida e um outro mundo, cheios de luz e paz e perfeição. E ferido pela realidade das coisas e dos homens, fez-se o escalpelisador amargo duma sociedade corrupta, cheia de vícios e — Miséria!

Fez-se o crítico impiedoso e lategante em que não falta a dôr imensamente sentida pela imperfeição de tudo! Fez-se o soberbo escultôr do *Barbear* e dos *Gatos*, do *País das Uvas* e da *Cidade do Vício*, dos *Contos*, do *Á Esquina* e da *Vida Irônica*, onde em cada página transuda sempre o seu modo de ver e sentir e de sofrer e sonhar. Morreu ha seis anos; foi no mez de Março que desapareceu essa extraordinária compleição de artista ipersensível e bronzemente ciclópica.

Agora vive, mas no espirito dos que o veneram e ha-de subsistir eternamente e palpar nos seus livros na prosa rija e forte dos seus livros.

Morreu cedo: Tivesse vivido mais e a sua obra seria o mostruário incalculavelmente rico, onde se vedos os requintes excepcionais a que a sua Arte elevaria a Lingua Portuguesa.

São estas palavras, a sentida homenagem nossa ao Grande Contista, ao Enorme Escritôr!

COIZAS CONVENCIONAIS

Miranda & Filhos, joalheiros da aristocracia portuense, fundaram ha tempos uma sucursal na Rua montada com uma riqueza nababesca, e — desculpem-me a franqueza — com um gôsto quasi indico. Lisboa.

Ante as montras pejadas de gemas, de oiro e resplandecentes como se as tivessem ornamentado com pontos de uma estrela — os alfacinhas agúam. Eu também as contemplo — filosoficamente frio. Não seduzem as jóias. Contudo, que de ambições elas não despertam?! Que de gente não passa privações

para que anos suadores de trabalho se convertam num anel ou num cordão de oiro, cuja ostentação no dedo ou no peito lhe dá mais prazer do que uma viagem, do que um bom livro, — do que uma vida confortável!...

As jóias brilham é facto, mas a mim — tão pouco artista eu sou — esse brilho não me comove como um papel que tenha impresso em caractéres horríveis a melancolia rimada de Antéro — o trágico; não me impressiona como um bloco de mármore maleado pelo escopro genial de Miguel Angelo, não me fascina como uma tela colorida pela arte insinuante de Van Dick; não me faz sonhar enfim, como a harmonia de Beethoven, toda mistério, toda crepúsculo. E o que é uma jóia? Uma insignificancia sem o menor proveito físico ou espirritual, bela por convencionalismo... E para arrancar do abismo dos mares as pérolas, há quem sacrifique a vida, e a luz dos olhos! E para as comprar, há quem sacrifique a honra. Para as trazerem, embaciadas e cadavéricas, nos dedos, ou dependuradas nas orelhas — num luxo de mulher cuanata — não se hesita em dar fortunas que poderiam salvar de essa atlantica miséria da capital tanto ser humano que nela se afoga.

*

Tenho aqui, sobre a minha banca de trabalho, um livro que comprei tentado pela pompa do título — «Rajada Doentia» — onde li um apontamento de valôr. É-nos descrita a Rua do Oiro, á hora do *trottoir* pedante das cinco, com os seus *habitués* e depois de desenharem a montra de uma ourivesaria, irradiante como uma noite estrelada, segredam-nos, entre parentesis, que foi defronte daquela *vitrine* que Maria combinou a sua primeira venda...

Dêsse parágrafo poder-se-ia talvez fazer a síntese da jóia.

REINALDO FERREIRA.

SAUDADES

Dizem que saudades são flôres que esmaecem com o tempo.

Pode ser que algum espirito ousado e feminino as compare ás rosas de Malherbe, áqueles esteantes perfumes que nos perturbam e passam rápidos.

Peut être!

Para mim, a saudade é a amiga dos tristes, amiga que nunca os desampara nos momentos nostálgicos da amargura, principalmente quando vem da infancia, quando um pequenino nada nos recorda belo tempo da mocidade.

É essa que eu sinto de tudo e de todos, do amigo que parte, do amôr que morre, do tempo que perdi.

É essa, que eu vejo nascer no olhar dumia mulher, florir na boca doutra, que me faz sonhar

perdi. É essa, que bebemos como um nectar na boca amada e sorvemos como fel num beijo do Amado.

É essa, que é alegria e dôr, amor e ódio, utopia e realidade, que eu chamo a Saudade. É a saudade do celino Mesquita: *Saudade, doce martírio*.

Tem uma hora, hora de sofrimento, hora bendita que nos redime de todo o mal passado.

E essa hora, atravessa-a Portugal mandando os seus filhos a procurar lá longe, de armas e de esteio sólido da Independencia e da Honra.

A esta hora floriu já, por lares humildes, a singela flôr que une os que ficam aos que partem.

A esta hora as ossadas gloriosas da *Epopéia Nacional*, chocaram-se saudosas de não poderem mentá-la com mais um golpe das enferrujadas lâminas.

A esta hora quanta mão de mulher, guiada por uma alma portugueza, não tem escrito a tua que fôram: *Muitas saudades da...* Tão simples! E quanta lágrima na sua pequenez! É tão triste se ficarmos nos olhos no Além e o coração a soluçar baixinho: Que saudade!

Contaram-me agora que um soldado, arrancado ao seu campo e á sua enxada, dissera, como única resposta, ao tentarem convencê-lo que desertasse: Sou portuguez.

Somos assim. Rudes, até ferozes para os nossos, no cumprimento de um dever.

De quantos e quantos factos, não tão pequenos como este, não se compõe cada episódio da nossa história, cada dever cumprido! Luta de lágrimas, choque de amôres eis o que é o Dever.

Talvez que triste, talvez que alegre, não o possa definir a minha pena, mas sempre belo e amargoso sente-o a alma.

Tem qualquer coisa de tudo é muito de sagrado.

Dever e Saudade eis o que separa e une todos os corações que se amam.

R. R.

FALANDO SÉRIO

Nada escapa á ação do tempo.

O que foi dantes um campo amanhado e fértil, era ontem uma cidade de mármore, cristais e luzes, é hoje um labirinto de trincheiras retalhadas onde os homens se tomam por alvos de carreira de tiros. O que outrora foi um império poderoso, despótico e aguerrido, era ontem uma monarquia constitucional e pacífica, é hoje uma república... O próprio sol apagar-se-á um dia, deixando de fecundar com o seu bafo de fogo essa natureza palpitante... E o que fará então este planeta sem as carícias daquele ardente amante? Continuará redopiando em torno dele, como que velando a cadaver querido ou fugirá ingratamente para os braços luminosos doutro sol, novo e forte, para que, sob a potencia dos seus beijos, novas gerações cresçam e se multipliquem?

Mas deixemo-nos de fantasia e analisemos as transformações que se dão ao alcance da nossa vista e não nos preocupemos com o que ainda está entre as brumas dum futuro hipotético.

Apenas estamos seguros, que tudo muda, tudo se transforma — que nada escapa á ação do tempo.

* *

Ultimamente Lisboa, a pachorrenta Lisboa, como Eça lhe chamava, também se agitou, também mudou:

O alfacinha, que eu supunha jámais acordar do sono quasi mumificado a que durante largos anos se entregava, mexeu-se enfim.

Espreguiçando-se, e apezar duma névoa de sonolencia lhe toldar ainda o cérebro, não ficou insensível perante o barbarismo dos Herodes teutónicos... É o velho Portugal arrastar-se-á até ao *front*, nas suas muletas feitas da mastreação já carunchosa das naus de D. João II

Dá-se uma inesperada transformação? Submarinos!... Submarinos!...

*

* *

Os comestíveis aumentam de preço e diminuem de quantidade; o carvão vai a pique; e esquece-se quem de que sem trigo o pão fino acaba.

Mas tudo se remedeia.

As transformações continuam.

Não há gaz, porque não ha carvão? Pois bem, ande-se ás escuras.

Ás escuras!

Que poesia encerram estas duas palavras! Faz-nos lembrar as aldeias, onde os habitantes esperamos que em seu limpo de nvens a lua erga a sua frente.

Não ha trigo?

Faz-se pão de milho, e assim, recebemos mais nitidamente a impressão do campo. E' incontestavel que Lisboa se vae tornando pouco a pouco campestre em paisagem. E quando se realisarem festas públicas, a transformação será completa: Haverá falta de gaz? Teremos balões de Santo António, á veneziana, figelinhas e tudo se arranjará. Parece-me estar vendo o Lisboa substituir o casaco pela jaleca e dansar o vira-viçou com a mulher que já usa sáia de roda, na praça pública transmutada em arraial. Não ha dúvida alguma, estou positivamente no campo! Então, habitantes da Figueira, Monte Estoril, Cascais, Amadora... vinde veranejar para Lisboa, quando chegar a calma! Vinde! Não tereis o pão fino que gosais nas vossas terras, mas em troca dar-te-einos a borôa, a regional borôa! Vinde, vinde encontrar o alfacinha que já abandonou o paletot e espera em mangas de camisa que o mandem cavar. Como tudo muda com o tempo!

MÁRIO DOMINGUES

BIBLIOGRAFIA:

O CAVALIRO DAS MÃOS IRRESISTIVEIS

Mandaram-me ha dias o último livro de Eugénio de Castro. Pequeno, ingénuo, leve, li-o dum fôlego, na dulcissima ilusão de que tinha voltado aos meus cinco anos, a ouvir histórias antigas ao esbræzar da lareira.

É preciso ter a alma de poeta do autor de «A Fonte do Sátiro» e ter vivido a vida dessa Coimbra de romanticismos e saudades, para atingir, em tão pequena obra, um tão alto poder de enternecimento. Resgênde toda ela o perfume agreste duma canção de gesta, uma singela doçura de velha trova; e ao voltar da última página fica-nos no coração uma vaga saudade desses abençoados tempos em que os homens ainda tinham alguma coisa irresistivel.

V. C.

ORAÇÃO Á PATRIA—por João de Barros

É este o novo livro dum poeta há muito consagrado no nosso meio literário. Manifesta o autor da *Ode á Bélgica*, neste novo poema, duma atualidade flagrante, um acendrado patriotismo, religioso e forte, a convicção firme dum «maior Provir» e a «certeza calma» da Vitória.

É uma obra em que há uma grande inspiração e uma grande energia e uma funda sentimentalidade. Tem defeitos, sem dúvida, tais como versos ásperos ou menos elevados e a simpatia, bastante acentuada, por certos vocábulos. Isto, contudo, não obsta a que este livro tenha qualquer coisa de belo e confortante.

VITRAL DA MINHA DOR—Versos de Américo Durão

Não se estreia o poeta com este livro. O autor das «Penumbras», revela-se-nos nesta obra um escrit de larguissimo futuro, em que não falta a inspiração sentida, que, eleva a alma á confecção das obras superiores, e a facilidade na rima que faz do verso a melodia continua da expressão da alma.

Propenso á Escola Sensacionista, sem contudo nela abertamente se enfileirar, dá-nos o poeta ainda a nota duma certa ezitação que se ha-de extinguir nos seus trabalhos futuros, aos quais desde já agoira firmemente um êxito seguro, como aquele a que este se destina.

Ao autor, os nossos sinceros agradecimentos pela oferta de tão interessante obra.

M. A. P.

Antiga Casa Encarnação

SUCESSOR

M. V. DA FONSECA

Premiado em diversas exposições

25, 27, RUA DA VICTORIA, 29, 31 — RUA DOS CORREIROS, 74 A 96

Cofres fortes á prova de fogo e caixas para joias

PRENSAS E SEUS ACESSORIOS PARA COPIAR

Officina de Serralheria para construcções e Reparções de Balanças e Cofres

74, Rua dos Correiros, 96 (União Travessa da Palha)

CASA FILIAL — Rua 24 de Julho, 116-A e 116-B

N. B.—Não se responsabilisa pelos concertos depositados mais de 30 dias

Telefone 3061

Único preservativo contra a humidade ou salitre das paredes e impermeabilidade de terraços

AGENCIAS

em Beja, Extremoz, Caldas da Rainha e Santarem.



TELEFONE: C. 3799

José Augusto Alves

R. Victorino Damasio, 16 e 18 (ao Jardim de Santos)

Propaganda Postal

Postais ilustrados em todos os géneros

Grandes descontos aos revendedores

R. DA BOA VISTA, 77

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 1818

A. S. PONS & C.^{TA}

Quereis dinheiro? Muito dinheiro?
 Ide habilitar-vos á loteria no
GAMA
 Antiga casa Manaças
 Rua do Amparo, 49
LISBOA
Sempre Sortes Grandes!
ATENDE TODOS OS PEDIDOS DA PROVINCIA

Livraria Sá da Costa

24, L. do Poço Novo
 2, Travessa do Convento de Jesus
Telefone 3841-Central

À VENDA:

Livros para todas as Escolas do País, quer primarias, secundarias ou superiores, Novos e usados, sendo estes com grande economia.

**Não comprem, troquem ou vendam livros sem vêr na nos-
 sa casa.**

Especialidade da casa:

Livros sobre todos os assuntos e em todas as linguas e quando não tenha em deposito encarrega-se de os obter.

Boletim bi-mensal enviado gratuitamente a quem o requisitar.

VAGO

Numero 2

NUMERO
 2
 DE
 CENTAVOS



Ano primeiro
 Maio 1917